



VI SIMPÓSIO NACIONAL DE PSICOPEDAGOGIA – ABPp

“Psicopedagogia: Formar e transformar o sentido de aprender na vida”

Conferência de abertura:

Cultura, educação e cosmovisões como dimensões para transformação de vidas

A relação entre cultura e educação é como a linha e o linho da canção de Gilberto Gil. Sintamos:

É a sua vida que eu quero bordar na minha
Como se eu fosse o pano e você fosse a linha
E a agulha do real nas mãos da fantasia
Fosse bordando ponto a ponto nosso dia-a-dia
E fosse aparecendo aos poucos nosso amor
Os nossos sentimentos loucos, nosso amor
O zig-zag do tormento, as cores da alegria
A curva generosa da compreensão
Formando a pétala da rosa, da paixão
A sua vida o meu caminho, nosso amor
Você a linha e eu o linho, nosso amor
Nossa colcha de cama, nossa toalha de mesa
Reproduzidos no bordado
A casa, a estrada, a correnteza
O sol, a ave, a árvore, o ninho da beleza.

Educação e cultura caminham juntas na estrada, na correnteza, na casa, no ninho, na escola, na universidade, no teatro, no museu, na biblioteca, no centro cultural, na vida. Cultura e educação são frutos de uma mesma árvore sagrada do conhecimento. Juntas, elas alimentam o espírito criador, enriquecem o imaginário, desenvolvem as competências técnicas e científicas, amplificam as capacidades de ler, interpretar e reinventar o mundo e qualifica a vida em sociedade.

Se a educação nos aproxima da ciência, da tecnologia e da racionalidade para compreensão do mundo, a cultura e as artes nos aproximam da sensibilidade e da estética como dimensões críticas e criativas indispensáveis para a percepção do mundo simbólico, do acesso à produção do imaginário, da subjetividade e das emoções.

Se ao longo da história escolar houve uma separação esquizofrênica entre educação e cultura, estamos aqui propondo esse reencontro: que a educação se aproxime da cultura e das artes em toda sua diversidade e que a cultura se aproxime da educação em seus processos de ensino-aprendizagem, afinal, ambas são frutos de uma mesma árvore. Somos da mesma natureza dos baobás, sumaúmas, jatobás e juazeiros.

Cultura é um saber/fazer comum. Portanto, solidário e comunitário. Tudo o que sabemos, sabemos entre todos e para todas. Temos aqui um belo enlace entre educação e cultura a partir da percepção comum do saber/fazer. Que façamos disso uma política pública integrada e orgânica.

Cultura e educação caminham juntas, independentemente da consciência dos gestores públicos que atuam nesses dois setores, pois são dimensões vitais associadas à formação humana e à vida em sociedade. Reunidas, implicam em transformações de vidas e de realidades sociais com mais eficiência e organicidade. E são exatamente as agendas da leitura e da formação que mais combinam com uma ação integrada entre as políticas de cultura e educação porque consistem em formação de repertórios, desenvolvimento de capacidades e de leituras de mundo.

A educação é determinante para o acesso à cultura, para o exercício do direito à cultura. Pesquisas revelam que, quanto maior a escolaridade, maior é a participação das pessoas em atividades artísticas e culturais. Mas, o oposto também vale: quanto maior é a vivência artística e cultural na vida e na formação das crianças e jovens, maiores são as condições na melhoria dos processos de ensino-aprendizagem e no desenvolvimento de competências e capacidades por parte dos estudantes. Quanto maiores forem seus repertórios culturais e artísticos, maiores são suas capacidades críticas e inventivas, técnicas e acadêmicas, éticas e estéticas de ler, interpretar e reinventar o mundo. Nessa vereda, é vital a percepção da educação integrada em tempo integral, compreendo o papel da escola, mas também dos espaços e equipamentos culturais nesse processo, como ações complementares, dialógicas, agregadas e conectadas.

Educação sem cultura é só adestramento, já afirmou Jorge Larossa. Sabemos que educar não é só ensino, disciplina, instrução. Educar não é dominar e controlar comportamentos. Educar é fazer cada um descobrir o que há de melhor em si, como me ensinou a minha mestra Luiza de Teodoro, educadora cearense.

Nesse caminho, a educação não pode ser desgarrada da vida. A cultura é o que nos agarra à vida. Cultura é ser/estar no mundo, é atribuir sentidos e significados à vida em sociedade, é construir a percepção do mundo simbólico, é produzir subjetividades e construir emoções. Portanto, não há educação viva e orgânica sem a dimensão da cultura. Como atesta Bourdieu, "uma não pode ser pensada sem a outra". Ou seja, uma é substancial para a outra. Somos como a filosofia africana Ubuntu: "eu sou porque nós somos". Vocês estão propondo neste VI Simpósio o tema da Psicopedagogia como elemento para "formar e transformar o sentido de aprender a vida". Isso me remete para o conceito de experiência como aquilo que nos toca e nos atravessa, mas também de como somos tocados e atravessados por ela, pois

a experiência só faz sentido e só ocorre de fato quando há uma transformação. A experiência é uma viagem aberta de formação e de transformação naquilo que Jorge Larrosa chama da experiência do saber e o saber da experiência, onde podemos ampliar para a experiência dos sentidos e o sentido das experiências.

Não sou especialista nem estudioso da Psicopedagogia, então falo sem competência acadêmica sobre o tema, o que me dá mais liberdade de conversar com vocês. Se a Psicopedagogia é um campo que une psicologia com a pedagogia, imagino que ela reúne a formação e o comportamento humano em nossa interação com o mundo, com a vida em sociedade e com nós mesmos. Ela reúne, noutras palavras, educação e cultura, compreendendo a cultura como ser/estar no mundo e como atribuição de sentidos e significados e compreendendo a educação como experiência de formação, de percursos, trilhas e travessias transformadoras de nossas vidas. Sobretudo, uma educação dos sentidos éticos e estéticos e de valores como solidariedade, respeito, amizade, amor, justiça social. E, para nos ajudar nessa reflexão, trago uma ideia de cosmovisão. De como as cosmovisões são dimensões vitais para o equilíbrio psíquico e social.

Gilberto Gil, em seu discurso de posse, nos trouxe o conceito de do-in antropológico como uma espécie de pontos vitais da sociedade a partir da reativação da cultura. Foi daí que surgiu a ideia dos pontos de cultura, que são ações desenvolvidas pela sociedade civil nas mais diversas formas do fazer artístico e cultural. A partir desse conceito de do-in antropológico, estou pensando na ideia de do-in cosmológico. Mas o que seria o do-in cosmológico? Uma espécie de pontos vitais de percepções de mundos para reativação do espírito em conexão entre cultura e natureza? Pode ser um caminho.

O fato é que hoje procuro ler mais a natureza dos tempos e o tempo das naturezas nas cosmovisões indígenas e afro-brasileiras. Penso que o Ocidente falhou, sobretudo com seus planos criminosos de colonização escravocrata e depredatória. O que sugiro, é que pensemos a educação como ato de descolonização, como força de batalha e cura, como nos sugere Luiz Rufino, e que pensemos a cultura como expressão da diversidade em sua plenitude étnica, artística, territorial e de gêneros. O que sugiro, é que possamos ouvir e ler mais Davi Kopenawa, Ailton Krenak, Daniel Munduruku, Conceição Evaristo, Eliana Alves Cruz, Itamar Viera Junior, Nêgo Bispo, Emicida, Racionais MC, Gilberto Gil, Elza Soares, Suely Carneiro, Ana Maria Gonçalves, Elisa Lucinda, Dayara Tukano, Naine Terena, Andressa Marques, Cristiane Sobral, Mariângela Andrade...

Nesta vereda, compartilho com vocês três pequenos artigos que escrevi recentemente, publicados no jornal O Povo, de minha cidade Fortaleza. Minha e da minha amada amiga, Galeara França.

1. Pôr a cabeça à altura do coração

“Sonhar a Terra”. Esta cosmovisão Yanomami de Davi Kopenawa dialoga organicamente com a ideia de “falar com a terra” de Ailton Krenak que se conecta, por sua vez, com o pensamento do neurocientista Sidarta Ribeiro em seus estudos sobre as funções oníricas e sociais dos sonhos.

Para Sidarta, “o sonho tem tudo a ver com a arte, e a arte tem tudo a ver com a busca de soluções criativas para problemas objetivos ou subjetivos”. Ou seja, para além das dimensões do equilíbrio físico, psíquico e das funções sociais, sonhar é um ato criativo na construção de narrativas para sermos inventivos e darmos sentidos à vida.

Mas Ailton Krenak nos lembra que o sonho não é exclusividade dos humanos: “A Terra sonha com essa humanidade, sonha com a nossa existência. Nós sonhamos a Terra. Essa experiência sensível de sonhar a Terra pode ser um dos recursos que pode nos socorrer diante da incapacidade daquilo que chamamos de Ciência em religar nós, humanos, com o organismo vivo da Terra”.

Então, que possamos lembrar, contar, interpretar os sonhos, compreendendo-os como arte, mas também como busca de soluções criativas para problemas objetivos ou subjetivos como fala Sidarta. Afinal, sonhamos para reinventar o mundo real sem perder o encantamento de fruir a vida. E essa fruição é reconexão da experiência sensível de sonhar a Terra para que Ela nos sonhe também.

Mas não se sonha a Terra sem os espíritos, o Dela e os nossos. Daí que Ailton Krenak, buscando uma palavra dos parentes Maxacali, nos oferece o verbo *espírita*: “A gente precisa *espírita* a nossa relação com a Terra. Ela não pode ser só cerebral, mental, prática, cheia de razão. Nós vamos declinar dessa ideia de que a cabeça dirige o corpo e pôr a cabeça à altura do coração”.

Pronto! Chegamos aonde tínhamos que chegar. Num gesto: pôr a cabeça à altura do coração. E colocar a cabeça nessa altura é encontrar o ponto cardeal. No meio da desorientação e confusão em que nos metemos, esse gesto significa orientação harmoniosa entre o céu e a terra, entre o corpo e o espírito, entre o cérebro e o coração, entre a razão e a sensibilidade, entre a cultura e a natureza.

2. Confluências

Antônio Bispo dos Santos, Nego Bispo, traz para a gente a cosmovisão da confluência. O seu livro “A terra dá, a terra quer” é um semear de palavras e um pensamento orgânico e cosmológico sobre o tempo e a natureza.

Ele nos alerta para o fenômeno da cosmofobia, que “é o medo, uma doença que não tem cura, apenas imunidade. E qual é a imunização que nos protege da cosmofobia? A contracolonização”.

Contrariando as palavras coloniais, ele sugere enfraquecer umas e potencializar outras. Para a coincidência, a confluência; para o desenvolvimento sustentável, a biointeração; para o saber sintético, o saber orgânico; para

o dinheiro, o compartilhamento; para a colonização, a contracolônização. Palavras germinantes que nos movem para o reconhecimento, o respeito e o compartilhamento.

Assim como "um rio não deixa de ser um rio porque conflui para outro rio (...) a gente não deixa de ser a gente quando passa a ser a gente e outra gente". Pelo contrário, quando a gente se robustece, o rio se fortalece passando a ser outros rios e a gente cresce sendo também o outro, pois a "confluência é uma força que rende, aumenta e amplia".

Numa analogia com a paisagem sonora de Luiz Gonzaga, podemos dizer que o Rio São Francisco é também o Riacho do Navio e o Rio Pajeú. Um corre e deságua no outro até bater no meio do mar, tornando-se um e muitos rios. Assim somos nós. Ao tempo em que somos nossas ancestralidades, somos também os outros com quem nos encontramos ao longo da vida e do tempo no diálogo respeitoso e comunitário.

Ou seja, quando nos encontramos em nossa diversidade orgânica e cultural estamos nos confluindo, banhando-se nas águas do Rio Negro e do Rio Solimões, correndo juntos na mesma correnteza, envolvendo cosmovisões de mundos com a natureza. Afinal, como também fala Nego Bispo, somos orgânicos, diversos, circulares e cosmológicos. Somos a roça indígena e a agricultura quilombola voltadas para a vida e não para a mera mercadoria. As nossas vidas não têm fim, somos "começo, meio e começo" com as gerações avós, mães e netas que Nego Bispo nos fala com sabedoria ancestral-futurista. E, assim, vamos nos imunizando com os nossos abraços e confluências contra a cosmofobia e o pensamento colonial.

3. O pássaro-guia dos Guarani-Kaiowá

Na cosmologia Guarani-Kaiowá, cada criança que nasce ganha a companhia de um pássaro que será seu guia por toda sua vida. O pássaro se chama gwyrá, responsável pelo equilíbrio da pessoa.

Ocorre que ataques sistemáticos contra os Guarani-Kaiowá vêm afastando o pássaro-guia e levando as pessoas para o entristecimento e para o suicídio. São muitas as formas de violência, desde o avanço devastador do agronegócio até incêndios criminosos nas roças e casas de famílias. Casas de Rezas foram incendiadas por mais de uma vez e, em setembro deste ano, a rezadeira Sebastiana Galton e seu esposo Rufino foram encontrados carbonizados na aldeia Guassuty, em Mato Grosso do Sul.

E quem consegue trazer de volta o pássaro-guia para o equilíbrio do povo Guarani-Kaiowá? As rezadeiras porque possuem os saberes para invocar o pássaro de volta e ajudar no equilíbrio de seu povo. Sem as rezadeiras que sabem manter o Gwyrá pousado na alma de sua gente não há equilíbrio na comunidade.

O desmatamento, o racismo e a intolerância religiosa fragilizam os laços sociais e o equilíbrio psíquico e espiritual. Violações dessa natureza têm afetado a saúde mental e elevado o suicídio, em especial entre os jovens indígenas.

Para quem ainda não entendeu o que é "cosmofobia", palavra criada por Nêgo Bispo, ei-la expressa em sangue, morte, racismo e violência. O jovem Janio Kaiowá denuncia que "estamos perdendo os anciãos por causa das perseguições e a comunidade está doente".

Doente está o mundo ocidental. Na sociedade indígena, o velho é o guardião da memória, o adulto é o guardião da aldeia e a criança é a dona do mundo. Estamos falando em cuidar da cultura, da educação, do território e do futuro. E não há futuro sem as cosmologias que compreendem que a sustentação de nosso equilíbrio enquanto seres é a relação harmoniosa entre as forças da natureza e da cultura, do corpo e do espírito.

Para os Guarani-Kaiowá, é o gwyrá, companheiro de uma vida inteira que para se manter vivo precisa das rezadeiras, das florestas e das terras demarcadas onde as crianças e jovens possam crescer belas e saudáveis. Noutras palavras, o que garante o pássaro-guia vivo equilibrando a alma de sua gente é o respeito à cosmologia de seu povo como um bem cultural sagrado, pois "tudo que move é sagrado, meu amor".

...

Numa primeira mirada, pode parecer que estamos fugindo do tema da arte e do ofício do psicopedagogo. Mas quero crer que não. Quando falo em cosmovisão, estou falando em cultura e educação, estou falando em formação e comportamento. Estou falando na experiência dos saberes e dos sentidos que reúne cultura e educação. Estou falando de nossa maneira de aprender e de apreender as coisas. Estou falando de nossa maneira de educar e transmitir saberes e conhecimentos. Estou falando, portanto, de como a Psicopedagogia contribui nos processos para "formar e transformar o sentido de aprender a vida". Imaginando aqui, do fundo de minha ignorância, que uma das contribuições da Psicopedagogia é ajudar em nosso equilíbrio. Não só dos processos de ensino-aprendizagem, mas da vida integral, em suas dimensões educacionais, culturais e sociais. Tal como o gwyrá dos Guarani-Kaiowá, de repente, vocês também podem ser como pássaros.

Então, estou falando de nossa maneira de se relacionar com o outro e como nós mesmos. Estou falando de passado, presente e futuro. Estou falando de sabermos pôr a cabeça à altura do coração, de sabermos cuidar do pássaro que nos cuida e não esquecermos que tudo é começo, meio e começo. Tudo poder ser o do-in antropológico girando com o do-in cosmológico em nossos corpos e espíritos coletivos. Afinal, somos Ubuntu! "Eu sou porque nós somos". Temos nossos sons e sonhos. Então, finalizo com uma canção-poema de Bené Fonteles e Gilberto Gil, intitulada "O som da pessoa":

A primeira pessoa soa como eu sou
A segunda pessoa soa como tu és
A terceira pessoa soa como ele
E ela também
Qualquer pessoa soa
Toda pessoa
Boa
Soa
Bem

Vamos ressoar nosso corpo-espírito-coletivo que o Brasil clama por nós, pessoas que ainda são capazes de dançar, cantar, contar histórias e de fazer chover. E será essa uma constelação de gente assim – como nos sugere Ailton Krenak – que vai adiar o fim do mundo.

Muito obrigado.

Fabiano dos Santos Piúba

São Paulo, 10/11/2023